



## AS SUTILEZAS METAFÍSICAS E MANHAS TEOLÓGICAS DA ECONOMIA POLÍTICA

Péricles Ariza<sup>1</sup>

Rosalvo Schütz<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente tese visa demonstrar a contribuição da crítica feuerbachiana da religião para a crítica da economia política em Karl Marx, buscando, com isso, por meio de uma “leitura feuerbachiana” da crítica da economia política, provar que para Marx a economia política moderna não foi capaz de desenvolver uma “ciência econômica” propriamente dita, mas, antes, uma espécie de “teologia econômica”. Como “tese da tese”, destacamos a influência dos escritos feuerbachianos para a obra e crítica de Marx, assim como apresentamos, em especial, também, a defesa de que o método de Marx, tal como explicitado por este em seu *Posfácio de O Capital* (1873) e do mesmo modo em seus “textos da juventude”, encontra-se fundamentado no método e na crítica teórica revolucionária esboçada por Feuerbach.

**Palavras-chave:** Marx. Feuerbach. Religião. Economia. Hegelianismo.

**Abstract:** This thesis shows the contribution of the Feuerbachian critique of religion to the critique of political economy in Karl Marx, seeking, through a “Feuerbachian reading” of the critique of political economy, to prove that for Marx modern political economy was not capable of developing an “economic science” properly speaking, but, rather, a kind of “economic theology”. As a “thesis of the thesis”, we highlight the influence of Feuerbach's criticism on Marx's work and criticism, as well as, in particular, we also present the defense that Marx's method, as explained by him in his Afterword to *The Capital* (1873) and similarly in his “youthful texts”, is based on Feuerbach and the method and revolutionary criticism outlined by the Hegelian philosopher.

**Keywords:** Marx. Feuerbach. Religion. Economics. Hegelianism.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo corresponde a um resumo, apresentação geral e convite à leitura de tese de doutorado defendida em 14 de agosto de 2023 e intitulada “*As sutilezas metafísicas e manhas teológicas da Economia Política: Contribuições da crítica feuerbachiana da religião para a*”

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: periclesariza@gmail.com.

<sup>2</sup> Rosalvo Schütz. Orientador. Professor do curso de Graduação em Filosofia e do PPG Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: rosalvo.schutz@unioeste.br.

*crítica da economia e da política em Karl Marx*". Assim sendo, o texto que se segue é a apresentação, em linhas gerais, de nossa tese, além de questões sobre nossa metodologia e da exposição de nossas análises. Por fim, também apresentamos uma "tese da tese", fruto das nossas reflexões e considerações finais sobre o tema.

Primeiramente, nossa pesquisa propôs-se a um estudo da relação e das semelhanças existentes entre o capitalismo e a religião (e mais especificamente a religião cristã), bem como os potenciais e as contribuições que essa aproximação proporcionou à análise crítica de Marx. Partimos da hipótese de que a crítica feuerbachiana da religião e da teologia pode ser tomada como um pressuposto que possibilitou e contribuiu significativamente para que Marx desenvolvesse sua análise crítica da lógica estruturante da sociedade capitalista e, portanto, de que esta influência dos escritos feuerbachianos não foi breve ou momentânea, mas duradoura e se manteve presente no conjunto de sua obra, entre elas *O Capital* (1867). A confirmação dessa hipótese constitui uma das teses centrais aqui por nós defendida e acreditamos que ela pode, de algum modo, contribuir para uma reflexão, compreensão, análise e crítica mais ampla e qualificada da economia política moderna, permitindo a busca de perspectivas de enfrentamento e superação desse processo, ou seja, da superação da "religião do dinheiro" e da "religião da propriedade privada", do estranhamento e do fetichismo da mercadoria e do capital. Desse modo, a tese central de nossa pesquisa é a defesa de que, para Marx, a economia política moderna teria desenvolvido muito mais uma espécie de teologia econômica do que uma ciência econômica propriamente dita.

Para que pudéssemos demonstrar as contribuições de Feuerbach para nossa tese, tanto na obra do jovem Marx como no chamado Marx da maturidade, "O Marx de *O Capital*", combatendo, ao mesmo tempo, o mito althusseriano da existência de "dois Marx" e de uma suposta "ruptura epistemológica" entre o "jovem feuerbachiano Marx" e o velho Marx "não mais feuerbachiano"<sup>3</sup>, optamos por explorar e buscar destacar a influência da crítica de Feuerbach e seus escritos para a análise de Marx sobre aquilo que o filósofo alemão nomearia como "sutilezas metafísicas e manhas teológicas da mercadoria", passando pelo que classificamos, também, portanto, como sua crítica às "sutilezas metafísicas e manhas teológicas" do direito, do Estado e do Capital.

## **AS SUTILEZAS METAFÍSICAS E MANHAS TEOLÓGICAS DA MERCADORIA**

---

<sup>3</sup> G. Dantas, em seu "Posfácio" à obra de Engels, *Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã*, da edição Iskra, por exemplo, é um dos comentadores de Marx e de sua crítica a Feuerbach que apresenta o seguinte título "*Por que fomos feuerbachianos? Por que deixamos de ser feuerbachianos?*" (Dantas, 2016, 81).

Ao explorarmos e analisarmos o que Marx classifica no primeiro capítulo de *O Capital* como “manhas teológicas da mercadoria”, entendemos que a contribuição da crítica feuerbachiana da religião é direta e indiretamente significativa para a compreensão desta questão, assim como da obra e da crítica de Marx à economia política e ao fetichismo da mercadoria. Isto fica ainda mais evidente quando contrastamos a análise e as passagens em que Marx descreve sobre o fetichismo da mercadoria em *O Capital (1867)* com as análises e passagens de seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, também conhecidos com *Manuscritos de Paris (1844)*, onde podemos encontrar uma das análises e um dos textos mais emblemáticos de Marx sobre o trabalho alienado e a propriedade privada. Todavia, ao nos debruçarmos, primeiramente, sobre as “sutilezas metafísicas” que Marx destaca tanto na mercadoria, como no Estado e em *O Capital*, o leitor pode observar que Aristóteles e Hegel acabam assumindo um protagonismo maior, contribuindo para qualificar nossa reflexão sobre esse assunto, em especial Aristóteles, quando da análise do problema da *substância do valor* e também quanto à distinção entre ciência econômica e crematística. Apesar de Feuerbach ser um profundo conhecedor e crítico de metafísica, seus escritos e sua crítica dialogam de maneira mais direta com a crítica de Marx quando este se debruça sobre as “manhas teológicas da mercadoria”, assim como sobre as “manhas teológicas do Estado e do capital”.

Na primeira seção de nossa tese, assim sendo, apresentamos ao leitor uma exposição e análise mais ampliada sobre aquilo que Marx descreveu como “as sutilezas metafísicas e manhas teológicas da mercadoria” ou fetichismo da mercadoria. No primeiro capítulo, todavia, exploramos e analisamos apenas as “sutilezas metafísicas da mercadoria” tal como Marx as explora e analisa no primeiro capítulo de *O Capital (1867)*. Buscamos descrever no que consiste a *substância do valor*, a qual o filósofo classifica como *trabalho humano abstrato*, enquanto *relação social* entre os homens, que, com o fetichismo da mercadoria, ao assumir o dinheiro o papel de sujeito e déspota das mercadorias e, portanto, das relações de troca, ocultando essa relação, converte as relações sociais humanas em uma relação social entre coisas, em reificação, em *estranhamento*. No segundo capítulo, colocamo-nos a analisar as “manhas teológicas da mercadoria”, procurando ressaltar a importância de Feuerbach e sua crítica da religião para a crítica de Marx em *O Capital (1867)*, no que diz respeito ao *fetichismo* da mercadoria. Isso é algo que já foi realizado em trabalho e pesquisa anterior de mestrado<sup>4</sup>, mas que no doutorado fizemos novamente em outros termos, com outra forma de exposição, priorizando especialmente a análise de questões e categorias propriamente econômicas.

---

<sup>4</sup> ARIZA, Péricles. “Feuerbach e Marx: Estranhamento, Fetichismo e Emancipação humana” 000 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

## AS SUTILEZAS METAFÍSICAS E MANHAS TEOLÓGICAS DO ESTADO

Na segunda seção, retornamos ao “jovem Marx”, para analisarmos a influência da crítica feuerbachiana da religião em sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1842)*, buscando descrever como o filósofo analisa, desta vez, as “sutilezas metafísicas e manhas teológicas do Estado e do direito”. No terceiro capítulo, que abre esta seção, descrevemos como o Estado aparece em Hegel enquanto “substância mística”, positiva, que é “em si e para si”, enquanto “gênese da sociedade civil”, assim como outras sutilezas metafísicas que Marx busca desmistificar, concluindo que não apenas o Estado não é a gênese ou substância da sociedade civil como trata-se exatamente do contrário. A *substância abstrata* do Estado, sua razão de ser, ainda segundo Marx, não é exatamente o ser genérico, mas a propriedade privada e sua conversão em “direito sagrado”, em “religião da propriedade privada”. Já no quarto capítulo, que encerra a seção, procuramos mostrar como o problema da alienação e estranhamento entre Estado e Sociedade Civil traz já consigo o problema e crítica do estranhamento em geral na obra de Marx, assim como buscamos destacar, mais uma vez, a inquestionável contribuição de Feuerbach e sua crítica da religião para as primeiras críticas de Marx em relação ao direito, ao Estado, à alienação e ao estranhamento. Esta “crítica feuerbachiana” de Marx mais tarde desceria do céu nebuloso da religião, da política e do direito para ser aplicada no terreno da sociedade civil e da economia política burguesa.

## AS SUTILEZAS METAFÍSICAS E MANHAS TEOLÓGICAS DO CAPITAL

Na terceira e última seção de nossa tese, voltamos novamente ao “velho Marx”, ao Marx de *O Capital*, de 1867 e 1873, onde apresentamos nossa crítica à teoria althusseriana de uma suposta ruptura epistemológica entre o “jovem Marx” e o “Marx de O Capital”. No capítulo sobre as sutilezas metafísicas do capital, capítulo que abre a seção, procuramos explorar tais sutilezas para além do capítulo primeiro da mercadoria e do dinheiro, destacando, em particular, as “sutilezas metafísicas do capital”. Explicamos, também, que, por analisar a mercadoria, o dinheiro e, por fim, o capital, da maneira como o analisa e descreve, Marx receberá de seus críticos acusações como a de que sua obra era “idealista”, repleta de “sofística hegeliana” e que teria “tratado a economia metafisicamente”. Acusações estas que Marx irá buscar refutar categoricamente em seu *Posfácio* de *O Capital* de 1873, provando o contrário, esclarecendo sobre

o método de análise e de exposição de sua obra. Na verdade, quem irá tratar e trata a economia metafisicamente é a própria economia política moderna e seus apologistas do livre cambismo. Por fim, no último capítulo, apresentamos, então, as manhas teológicas do capital e os vários momentos em que o problema do estranhamento e a comparação do capitalismo com a religião – em particular o cristianismo – aparecem em *O Capital*. O processo de trabalho em sua relação alienada e estranhada produz, tal como na religião, para a realização do capital, a desrealização do ser humano<sup>5</sup>, dos trabalhadores, ou seja, sua mortificação, seu sacrifício, sua desumanização e coisificação. Também aproveitamos para apresentar a contribuição da obra de Enrique Dussel, *Metáforas Teológicas de Karl Marx* (1992), assim como as limitações e nossa crítica à leitura de Dussel acerca destas metáforas. Todavia, não se pode negar que os pressupostos ideológicos de caráter metafísico, teológico, religioso, contribuem para a sustentação e legitimação da estrutura da sociedade capitalista, procurando justificá-la e perpetuando a dominação e exploração daí decorrentes. Uma superação da sociedade capitalista dificilmente será possível, também, evidentemente, sem a superação ou enfrentamento a esses pressupostos.

Assim sendo, partimos, portanto, do pressuposto de que Marx desenvolve seu método e sua crítica a partir da crítica e da *dialética feuerbachiana*, tal como o filósofo insinua em seus *Manuscritos de Paris* (1844). Engels, seu camarada de luta e crítica teórica, mais tarde, em 1888, ao lembrar da influência que Feuerbach havia exercido sobre ele e Marx durante o período de efervescência teórica dos autores, irá afirmar que o grande mérito de Marx foi o de conseguir “desenvolver as posições feuerbachianas, superando Feuerbach” (Engels, 2016, p. 51), cujas limitações materiais da Alemanha daquele período acabaram representando também as limitações teóricas de Feuerbach e seu materialismo. Isso estando pressuposto, realizamos uma leitura feuerbachiana de *O Capital* com o intuito de averiguar se, de fato, Marx, na maturidade, em sua crítica da economia política, teria realmente abandonado ou se esforçado por abandonar “em absoluto”, como declara Althusser, e os simpatizantes de sua tese, todo e qualquer resquício de hegelianismo, entre eles, o de Feuerbach.

## **DO MATERIALISMO ANTROPOLÓGICO DE FEUERBACH AO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO DE MARX**

Para que possamos confrontar a tese althusseriana de ruptura epistemológica em Marx, fizemos usos dos textos que os adeptos dessa tendência do marxismo acadêmico costumam dizer

---

<sup>5</sup> “La realización del capital, por último, es la «des-realización» del trabajo vivo: su «No-ser». [“A realização do capital, por fim, é a “desrealização” do trabalho vivo: o seu “Não-ser”] (Dussel, 1992, p. 64, Tradução nossa).

possuir um “valor menor”, ou seja, os textos do jovem Marx, entre eles, seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos (1844)*<sup>6</sup>. Assim sendo, destaquemos aqui o que podemos encontrar implicitamente no velho Marx de *O Capital (1867)* e que encontramos explicitamente no jovem Marx dos *Manuscritos de Paris (1844)*.

Vejamos o que escreve Marx em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* sobre Feuerbach, em seu prefácio do caderno III, o qual acabou, após várias edições, transformando-se no prefácio geral do próprio manuscrito. Essa passagem corresponde a um elemento fundamental para a defesa de nossa tese, por isso fazemos questão sempre em destacá-la:

A crítica da economia nacional [política] deve, além do mais, assim como a crítica positiva em geral, sua verdadeira fundamentação às descobertas de Feuerbach. De Feuerbach data, em primeiro lugar, a crítica positiva humanista e naturalista. Quanto menos ruidosa, tanto mais segura, profunda, extensa e duradoura é a eficácia dos escritos feuerbachianos, os únicos nos quais – desde a Fenomenologia e a Lógica de Hegel – se encerra uma efetiva (wirkliche) revolução teórica (Marx, 2004, p.20).

Em outro caderno de seus manuscritos, intitulado “*Crítica da Dialética e da filosofia Hegelianas em Geral*”, Marx destaca novamente o mérito de Feuerbach e sua dialética materialista, algo que também fará posteriormente em sua obra *Ideologia Alemã (1845-46)*. Logo na introdução desta obra, do mesmo modo que na introdução de seus *Manuscritos* (Marx e Engels – embora possivelmente a passagem a que nos referimos pertença à letra de Marx), Feuerbach aparece como “o único que pelo menos fez um progresso e cujas considerações podem ser abordadas de *bonne foi*”<sup>7</sup> (Marx, 2007, p. 39). Em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos (1844)*, encontramos ainda a seguinte declaração de Marx:

Feuerbach é o único que tem para com a dialética hegeliana um comportamento sério, crítico, e [o único] que fez verdadeiras descobertas nesse domínio, [ele é] em geral o verdadeiro triunfador (*Überwinder*) da velha filosofia. A grandeza da contribuição e a discreta simplicidade com que Feuerbach a outorga ao mundo estão em flagrante oposição à atitude contrária.

O grande feito (*Tat*) de Feuerbach é:

1) a prova de que a filosofia não é outra coisa senão a religião trazida para o pensamento e conduzida pensada[mente]; portanto, deve ser igualmente condenada; uma outra forma e [outro] modo de existência (*Daseinsweise*) do estranhamento (*Entfremdung*) da essência humana;

---

<sup>6</sup> Sobre esta questão, Marcello Musto apresenta uma excelente análise e artigo sobre a história e as polêmicas envolvendo estes Manuscritos, OS MANUSCRITOS ECONÓMICO-FILOSÓFICOS DE 1844 DE KARL MARX: dificuldades para publicação e interpretações críticas. Caderno C R H, Salvador, v. 32, n. 86, p. 399-418, Maio/Ago. 2019.

<sup>7</sup> De boa fé.

2) a fundação do verdadeiro materialismo e da ciência real, na medida em que Feuerbach toma, do mesmo modo, a relação social, a “do homem com o homem”, como princípio fundamental da teoria;

3) Na medida em que ele confronta a negação da negação, que afirma ser o absolutamente positivo, o positivo que descansa sobre si mesmo e positivamente se funda sobre si próprio (Marx, 2004, p.117-118).

Essas passagens de seus *Manuscritos econômicos e filosóficos*, em que Marx sintetiza e elenca os méritos de Feuerbach, a nosso modo de ver revelam muito, não apenas sobre nosso “jovem e feuerbachiano Marx”, mas também sobre o “velho feuerbachiano Marx” de *O Capital*. Contudo, se no início encontramos um feuerbachianismo explícito por parte de Marx, no segundo encontraremos a influência dos escritos feuerbachianos de forma implícita, em vários momentos de suas análises.

Quanto ao 1º grande feito de Feuerbach, quando Marx afirma “a prova de que a filosofia não é outra coisa senão a religião trazida para o pensamento”, isso lembra e muito uma passagem de seu célebre *Posfácio* de *O Capital* de 1873, em que, buscando se defender dos ataques de seus críticos contra a “perniciosa influência hegeliana” de sua obra, Marx escreve, primeiro, criticando Hegel: “Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (Marx, 2013, p.90). Para Hegel: “[...] ela [a dialética] se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico” (Marx, 2013, p. 91). Depois, quando Marx se refere a “uma outra forma e [outro] modo de existência do estranhamento da essência humana”, isso também se relaciona, de alguma maneira, com o que em *O Capital* procura explorar e direcionar em sua crítica ao fetichismo da mercadoria dinheiro. Ainda, para irmos um pouco mais além, quando Marx diz que a filosofia, assim como a religião, “deve ser condenada”, esta afirmação e problematização também se relaciona com sua famosa tese 11, de suas *Teses sobre Feuerbach*<sup>8</sup>.

Quanto ao 2º grande feito de Feuerbach, quando Marx se refere à fundação de uma “ciência real” ou, melhor, “a fundação do verdadeiro materialismo” [ainda que com suas imperfeições como irá apontar em suas Teses], se refere, aqui, ao “materialismo dialético”, à união entre fisiologia e antropologia, entre o homem e a Natureza, entre matéria e pensamento, tal como Feuerbach propôs em sua *Filosofia do Futuro*. E quando diz “na medida em que Feuerbach toma, do mesmo modo, a relação social, a “do homem com o homem”, como princípio fundamental da teoria, Marx resgatará novamente esse princípio feuerbachiano [e também aristotélico] em *O Capital*, ao analisar a *substância do valor* e o organismo social. Nesse sentido, Ernst Bloch, por

---

<sup>8</sup> “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras, o que importa agora é transformá-lo”. (Marx, 2016, p.78)

exemplo, interpretou corretamente que o materialismo mecanicista das chamadas ciências naturais é confrontado pela primeira vez pelo materialismo antropológico de Feuerbach que, nas mãos de Marx, irá converter-se em “materialismo dialético” ou, também, como a maioria dos comentadores costumou chamar, “materialismo histórico”<sup>9</sup>.

Por fim, quanto ao 3º grande feito de Feuerbach, em que “*confronta a negação da negação, que afirma ser o absolutamente positivo, o positivo que descansa sobre si mesmo e positivamente se funda sobre si próprio*”, Marx irá realizar algo muito parecido em *O Capital* quando confronta a forma positiva, mistificada e fetichizada do capital [D-D’], em que o dinheiro e o capital “funda-se sobre si próprio”, confrontando o discurso e a teoria fetichista da economia política moderna em que “dinheiro cria dinheiro”.

De mais a mais, analisemos mais uma passagem de seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* ou *Manuscritos de Paris (1844)*, que vai de encontro com o que Marx escreve em seu *Posfácio de O Capital (1873)*. A passagem é essa:

Mas na medida em que Hegel apreendeu a negação da negação – conforme a relação positiva que nela reside, como única e verdadeiramente positiva, e conforme a relação negativa que nela reside, como o ato unicamente verdadeiro e como o ato de auto-acionamento de todo o ser -, ele somente encontrou a expressão abstrata, lógica, especulativa para o movimento da história, a história ainda não efetiva do homem enquanto um sujeito pressuposto, mas em primeiro lugar ato de produção, história da geração do homem. – Esclarecemos tanto a forma abstrata quanto a diferença que este movimento tem em Hegel, em oposição à moderna crítica, ao mesmo processo em *A essência do cristianismo*, de Feuerbach; ou antes, a figura crítica deste movimento ainda acrítico em Hegel (Marx, 2009, p.118-119, grifo nosso).

Em *O Capital (1867)*, essa reflexão é retomada, porém, o nome de Feuerbach e de sua obra, dessa vez, não aparecem de modo direto como em seus *Manuscritos de Paris (1844)*. Em seu célebre *Posfácio* de 1873, em que busca se defender da crítica de seus críticos e esclarecer a diferença de seu método para com o de Hegel, escreve Marx:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar em um sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a

---

<sup>9</sup> “*Si el hombre no hubiera sido asimismo «objeto sensible», habría sido mucho más difícil elaborar materialistamente lo humano como raíz de todas las cosas sociales. El materialismo antropológico de Feuerbach representa... el facilitado tránsito posible del materialismo meramente mecánico al histórico*” (Bloch, Ernst. apud Schimt, Alfred. Feuerbach e La Sensualidad emancipada. 1973. p.25). “Se o homem não fosse também um 'objeto sensível', teria sido muito mais difícil elaborar materialisticamente o humano como a raiz de todas as coisas sociais. O materialismo antropológico de Feuerbach representa [...] a fácil transição possível do materialismo meramente mecânico para o materialismo histórico” (Bloch, apud Schmidt, Alfred. Feuerbach o la Sensualidad emancipada, 1975, p. 25, Tradução nossa).

manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (Marx, 2013, p.90).

Esta passagem de *O Capital* (1867), em que Marx procura destacar e explicitar a diferença de seu método para com o de Hegel, também está intimamente relacionada à Feuerbach, que em *A Essência do Cristianismo* (1841), ao explicar sobre o método de análise e exposição de sua obra, escreve:

Os princípios gerais que eu apresento na introdução não são a priori forjados, produtos da especulação; surgiram com a análise da religião, são apenas, como em geral os pensamentos fundamentais do livro, exteriorizações reais da essência humana (na verdade da essência humana e da consciência humana) traduzidas para ideias racionais, i.e., concebidas em expressões gerais e por isso trazidas ao entendimento (Feuerbach, 2007, p.20).

Ainda encontramos, em a *Ideologia Alemã* (1844), reflexões de Marx, também inspiradas em Feuerbach, sobre o problema do método hegeliano e a ideologia alemã em geral, mais especificamente em seus *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843). Nesta obra, Feuerbach escreve que “A filosofia do futuro tem a tarefa de reconduzir a filosofia do reino das “almas penadas” para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades para a miséria humana” (Feuerbach, 2008, p.5). Em *A Ideologia Alemã*, Marx, no capítulo intitulado *Feuerbach: Oposição entre concepção materialista e idealista, Introdução*, irá escrever:

Bem ao contrário do que acontece com a filosofia Alemã, que desce do céu para a terra, aqui se sobe da terra para o céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou engendram mentalmente, tampouco do homem dito, pensado, imaginado ou engendrado mentalmente para daí chegar ao homem em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas que se condensam no cérebro dos homens são sublimações necessárias de seu processo material de vida, processo empiricamente registrável e legado a condições materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia e as formas de consciência que elas possam corresponder não continuam mantendo, assim, por mais tempo, a aparência de sua própria autonomia. Elas não tem história, elas não tem desenvolvimento próprio delas, mas o homens que desenvolvem sua produção material e sua circulação material trocam também, ao trocar esta realidade, seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (Marx, 2007, p.48-49).

Por fim, voltemos agora nossa atenção à conclusão do *Posfácio* de 1873 de *O Capital*, onde podemos encontrar o “velho Marx”, mais uma vez, em sintonia com o “jovem Marx” dos *Manuscritos econômicos-filosóficos*(1844) e de a *Ideologia Alemã* (1845-46), definindo e esclarecendo a diferença de seu método dialético para com o de Hegel e de que modo ela, a

dialética, torna-se crítica e revolucionária. Escreve Marx, em 1873, em seu *Posfácio* da 2ª edição de *O Capital*:

Critiquei o lado mistificador da dialética hegeliana há quase trinta anos<sup>10</sup>, quando ela ainda estava na moda. Mas quando eu elaborava o primeiro volume de *O Capital*, os enfadonhos, presunçosos e medíocres epígonos que hoje pontificam na Alemanha culta acharam-se no direito de tratar Hegel como o bom Moses Mendelssohn tratava Espinosa na época de Lessing: como um “cachorro morto”. Por essa razão, declarei-me publicamente como discípulo daquele grande pensador e, no capítulo sobre a teoria do valor, cheguei até a coquetear aqui e ali com seus modos peculiares de expressão. A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. Em sua forma mistificada, a dialética esteve em moda na Alemanha porque parecia glorificar o existente. Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na inteligência positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a inteligência de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária (Marx, 2013, p. 90-91).

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, além de uma leitura atenta de *O Capital*, com a realização de vários fichamentos onde procuramos destacar algumas passagens para dialogar com nosso tema e problema, também realizamos a leitura de outras obras e documentos, como as cartas trocadas entre Marx e Feuerbach, traduzidas durante nossa pesquisa, em que das várias curiosidades e revelações presentes nessas cartas, procuramos destacar: 1) o impacto que a *Essência do Cristianismo* de Feuerbach teria exercido sobre Marx; 2) o interesse de Marx para que Feuerbach contribuísse com a revista *Anais Franco-Alemães*, dando continuidade às reflexões que anuncia no 2º Prefácio de a *Essência do Cristianismo*, onde encontramos Feuerbach se defendendo da crítica de seus críticos, como sua teoria teria sido acusada supostamente de ser mais especulativa [idealista] do que propriamente materialista. Isso é algo muito parecido com o que irá acontecer com Marx, que em seu Posfácio de 1873 de *O Capital* acaba empreendendo uma defesa contra seus críticos análoga à de Feuerbach.

Enfim, acreditamos que a reflexão que Marx desenvolve em *O Capital* e, em particular, distinguindo seu método de análise do método de exposição de sua obra, em que, aparentemente, parece partir de reflexões e princípios “a-priori”, interrompendo e reforçando frequentemente o

---

<sup>10</sup> Aqui, Marx faz referência à sua obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de 1842-43, em que analisa as sutilezas metafísicas e manhas teológicas do direito e do Estado moderno e que curiosamente e coincidentemente também possui forte influência da crítica de Feuerbach e seus escritos, em particular, sua *Essência do Cristianismo* (1841).

fio de seu pensamento e de sua análise com elementos e provas históricas<sup>11</sup>, teria levado seus intérpretes à tese de que seu “materialismo dialético” ou “histórico” é, sem sombra de dúvidas, uma marca registrada de sua metodologia filosófica. A dúvida que fica é se ela também não compreende ainda a outra marca registrada da influência de Feuerbach, não apenas sobre o jovem Marx, mas, também sobre o “velho Marx” de *O Capital*. Nós, particularmente, defendemos que sim.

## REFERÊNCIAS

ARIZA, Péricles. *As sutilezas metafísicas e manhas teológicas da economia política: Contribuições da crítica feuerbachiana da religião para a crítica da economia e da política em Karl Marx*. 217f. Tese (Dourado em Filosofia) – PPG Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Toledo-Pr. 2023.

ARIZA, Péricles. *Feuerbach e Marx: Estranhamento, fetichismo e emancipação humana*. 97f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PPG Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Toledo-Pr, 2019.

DUSSEL, Enrique. *Las Metáforas Teológicas de Karl Marx*. Editora Verbo Divino. Estella (Navarra), 1993.

ENGELS, F. *Feuerbach e o fim da filosofia Clássica Alemã*. São Paulo: Edições Iskra, 2016.

FEUERBACH, Ludwig. *Essência do cristianismo*. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. LusoSofia: press. Covilhã, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. LusoSofia: press. Covilhã, 2008.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. *A questão judaica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*; São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

---

<sup>11</sup> Outra influência que Marx irá herdar de Feuerbach e sua *Essência do Cristianismo*, desenvolvendo em *O Capital* com maestria e excelência o método de análise crítica e exposição dialética hegeliano-materialista.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUSTO, Marcello. *Os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas*. *Caderno C R H, Salvador*, v. 32, n. 86, p. 399-418, Maio/Ago. 2019.

SCHMIDT, Alfred. *Feuerbach o la Sensualidad Emancipada*. Tauros Ediciones, S. A., 1975.

SCHÜTZ, Rosalvo. *Religião e Capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SCHÜTZ, Rosalvo. Feuerbach e Marx: duas críticas a partir de um mesmo horizonte. *Ágora Filosófica*, Ano 1, n.1, jan-jun/2000.